

## REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E INTERCULTURAIS DA EXCLUSÃO SOCIAL: EDUARDO GALEANO, OCTAVIO PAZ E CAROLINA MARIA DE JESUS

Larissa Paula Tirloni

União Dinâmica de Faculdades Cataratas – UDC

Marcelo Marinho

Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA

### RESUMO

A Literatura Comparada dedica-se ao estudo das questões identitárias e das representações literárias interétnicas ou intersociais, pelo viés privilegiado das relações interculturais. Em razão de seu amplo espectro de possibilidades de interpretação literária e cultural, a Literatura Comparada torna-se uma produtora ferramenta para a análise dos diálogos transculturais em que se manifestam a aceitação ou a recusa das diferenças. Nessa perspectiva, o presente trabalho resulta de um estudo comparativo acerca da imagem literária da exclusão social por intermédio das escritas do mexicano Octavio Paz, da brasileira Carolina Maria de Jesus e do uruguaio Eduardo Galeano. Os textos que compõem o corpus de leitura trazem representações literárias e imagens simbólicas da parcela da sociedade que se encontra à margem, invisível aos demais segmentos da população. Essa parcela invisível da sociedade corresponde àqueles que Octavio Paz batiza como “*ninguneados*”: seres humanos cuja existência é voluntariamente apagada ou ignorada nas manifestações culturais e nas relações sociais que conformam as hierarquias cotidianas e os modos de experiência de vida. Tais autores trazem a lume a vida e a história silenciadas dos que se encontram à margem, por mais que integrem a história de seu povo e do conjunto da humanidade.

**Palavras-chave:** Literatura comparada; exclusão social e literatura; Octavio Paz; Carolina Maria de Jesus; Eduardo Galeano.

### INTRODUÇÃO

O processo de formação das nações latino-americanas resulta do violento confronto entre os conquistadores europeus, os subjugados povos indígenas e os massivos contingentes de escravos africanos forçados ao degredo em terra estrangeira. Nesse contexto, o confronto e a ocupação do território deram origem a múltiplos movimentos de diáspora, de exclusão social e de rejeição mútua entre grupos étnicos em busca de sobrevivência e de identidade: povos autóctones buscando refúgio em territórios não ocupados pelos conquistadores europeus, grupos de escravos africanos protegendo-se mutuamente em comunidades quilombola, europeus deserdados e mestiços à caça de oportunidades em regiões inóspitas.

No âmbito da literatura, esse complexo embate entre dominadores e dominados, entre ricos e pobres, e o decorrente processo de exclusão, manifestam-se simbolicamente nas páginas dos mais significativos escritores latino-americanos, de José de Alencar a Gabriel García Marquez, de Augusto Roa Bastos a Miguel Ángel Asturias, entre inúmeros outros exemplos extremamente representativos. Coetâneos, o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (México,

1914–1998), a memorialista e ficcionista brasileira Carolina Maria de Jesus (Brasil, 1915–1977), assim como o ensaísta e poeta Eduardo Galeano (Uruguai, 1940–) inscrevem-se entre os autores que, por intermédio de sua obra, constroem uma inovadora e expressiva imagem de seus respectivos países, no tocante aos segmentos negligenciados da população. No conjunto da obra desses autores, observa-se o impacto da exclusão social no processo de construção das identidades nacionais. Nessa perspectiva, nas últimas décadas, a representação literária da exclusão social tornou-se um dos temas privilegiados dos estudos comparatistas, sobretudo pela vertente dos estudos culturais e da crítica social.

O presente trabalho centra-se no estudo comparativo da imagem literária da exclusão social, por intermédio da representação desse fenômeno, tal como se estampa nas páginas de Paz, Galeano e Carolina de Jesus. Tais estudos justificam-se pelo fato de a representação da exclusão social ser um fenômeno produtor e mediador de sentidos no conjunto da sociedade, sobretudo por meio da literatura e de outras manifestações artísticas. Para a condução de tal reflexão, este trabalho assim se estrutura: na primeira parte traça-se um breve panorama da representação da exclusão social na literatura; na segunda, apresentam-se elementos de reflexão sobre a exclusão social na obra de Octavio Paz; por fim, na terceira, com base em conceitos propostos pelo prêmio Nobel mexicano, procede-se a uma leitura comparativa da imagem da exclusão social nas páginas da brasileira Carolina Maria de Jesus e do uruguaio Eduardo Galeano.

### **A representação da exclusão social na literatura brasileira**

O conjunto da literatura ficcional é marcado por autores e obras que plasmam histórias representativas de grupos sociais (por meio de personagens individuais ou coletivos): histórias relativas aos demais grupos são preteridas e silenciadas. Em tal contexto, a concepção e elaboração de novas narrativas poéticas adotam ou recusam modelos literários pré-determinados, modelos canonizados por instituições como a crítica, as escolas, as universidades, as editoras, a imprensa, os organismos de fomento à produção literária. Quando, no âmbito da literatura, determinam-se modelos narrativos, isolam-se e calam-se os textos que destoam e recusam o cânone vigente no que se refere a temas, perspectivas sociais e formas estéticas. Toda escolha e seleção implicam em apagamento, silêncios e lacunas: o cânone representa os interesses de grupos sociais dominantes. Por vezes, escolhas poéticas particulares podem resultar em novas histórias e/ou novos moldes literários, podem se transformar em cânones ou conservar sua condição de marginais, conforme relembra Maria Eunice Moreira:

Oficiais ou marginais, restritos ou amplos, todos os cânones são seletivos e, como tal, elitistas. Todo cânone está em processo e em permanente atualização e falar em abertura do cânone é uma redundância, pois esse está aberto, tanto para as exclusões quanto para as inclusões. (MOREIRA, 2003, p. 92).

Nas últimas décadas, o deslocamento centrífugo das margens do cânone e a ampliação de perspectivas nos estudos literários resultaram na inclusão de fatos históricos, formas estéticas e temas sociais até então negligenciados ou silenciados. Tomando-se a literatura ficcional como uma forma de interpretação e registro simbólico de fatos sociais, nota-se, no último quartel do Século XX, a nítida ampliação do número de personagens e autores que representam grupos socialmente dominados, tais como segmentos urbanos e rurais que vivem abaixo da linha da pobreza, mulheres, homossexuais, indígenas e negros. Tal abertura também contempla e integra as formas da cultura popular, incluindo as manifestações de linguagem que se subtraem às normas cultas do discurso - outra eficaz ferramenta de dominação social. Essas obras expressivamente emergentes são social e literariamente relevantes por representarem, de forma ficcional, fatos relativos aos guetos socioeconômicos, mas também por permitirem que certos autores logrem evadir-se dos guetos literários demarcados pelas instituições que criam e consolidam os cânones culturais e literários.

Esses autores periféricos são caracterizados pela expressão “literatura marginal”, termo que se disseminou no cenário cultural contemporâneo como referência à produção de autores que assumem um lócus de enunciação periférico ou centrífugo (do ponto de vista social, editorial e jurídico) e estão trazendo para o campo literário temas e linguajar igualmente “marginais”. Essa é a perspectiva analisada por Sérgio Gonzaga e retomada por Luana Teixeira Porto, quando afirma que a marginalidade em literatura é uma condição acessória:

a) à posição dos autores no mercado editorial, considerando a existência de escritores cujas obras são produzidas e distribuídas fora do sistema editorial vigente; b) ao tipo de linguagem apresentada nos textos, a qual apresentaria uma espécie de recusa da linguagem institucionalizada ou aos valores literários de uma época; c) à escolha dos protagonistas, cenários e situações presentes nas obras literárias, os quais atenderiam o desejo do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando representá-los nos textos. (PORTO, 2012, p. 140-141)

Assim, ao se subtrair às sombras da indiferença e dos preconceitos, a chamada “Literatura Marginal” carrega à luz do dia atores sociais cujas histórias individuais integram e explicam aspectos intrínsecos da existência humana. Dessa forma, a literatura abre espaços para a manifestação de vozes até então silenciadas, contribuindo para ampliar a noção de identidade nacional. Nessa perspectiva, em seu abrangente estudo comparatista intitulado **Formação da literatura brasileira**, o sociólogo e crítico literário Antonio Candido analisa o processo de

afirmação identitária cultural brasileira ao longo dos séculos XVIII e XIX, que se serviu, num primeiro momento, da imagem idealizada dos autóctones (ou povos originários), diluindo-se na simplicidade da imagem a multivalência da identidade do povo brasileiro. Tais condições de produção e consolidação de identidades estenderam-se, posteriormente, ao caipira, ao caboclo, ao sertanejo; e em seguida, a um movimento engajado e preocupado com questões sociais, com o objetivo de denunciar os problemas e mazelas da sociedade brasileira.

Antonio Candido analisa os textos produzidos no auge do Romantismo brasileiro e afirma que “a literatura foi considerada parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação” (1997, p. 11-12) por intermédio de uma literatura nacional que representasse, simbolicamente, segmentos expressivos da população do país, silenciando, contudo, sobre largas parcelas da população que, por meio de um intrincado jogo de espelhos, tornam-se segmentos inexpressivos do ponto de vista do imaginário nacional, retroalimentando tal processo de estruturação social. Conforme sustenta a historiadora Márcia Regina Naxara (1998, p. 108-109), a diversidade de culturas decorrente da chegada de centenas de milhares de imigrantes ao Brasil, contingente que se somou (mas também se subtraiu e se sonogou) aos indígenas, negros e portugueses, fez com que se acentuasse ainda mais a pluralidade cultural e o significado da exclusão social na construção da identidade corrediça do povo brasileiro. A pesquisadora assim analisa as relações entre preconceito, exclusão social e pertencimento étnico:

O preconceito básico em relação aos povos de pele morena – quanto mais branco, mais próximo da civilização; quanto mais moreno, mais dela afastado e incapacitado. Todas as outras diversidades podiam, de certa forma, estar contidas nesta, determinando as nuances das abordagens, quer literárias, quer políticas (NAXARA,1998, p. 115).

No que tange à representação da exclusão social na literatura, vale notar que o negro é um elemento emblemático do ponto de vista do imaginário poético nacional, visto que, no mais das páginas, sua imagem é apresentada de forma grotesca e caricatural, como se observa, por exemplo, no célebre e canônico Monteiro Lobato, criador de uma Tia Nastácia que, em sua negritude, representa uma pretensa estreiteza e ingenuidade de imaginação e de cultura, que seriam a própria daqueles que se encontram socialmente excluídos e silenciados, em razão da cor da pele, da origem geográfica ou da renda abaixo da linha da pobreza, como se infere da análise proposta por Marisa Lajolo (1998). O próprio nome sincopado ("Nastácia" no lugar de "Anastácia") do famoso personagem indica sua incompletude, sua inaptidão até mesmo para a comunicação. Vale sublinhar que a imagem veiculada pela personagem de Tia Nastácia se consolida no país por meio de adaptações televisivas, de história em quadrinhos (cujas edições

atuais merecem uma análise crítica), ou mesmo em composições musicais (tal como ocorre em criação de Dorival Caymmi retomada pelo grupo Balacobaco ou por Zeca Pagodinho, em que se celebra a docilidade ancilar de Nastácia frente ao Sinhozinho). Pelo viés oposto, escritores como João Ubaldo Ribeiro, autor de **Viva o povo brasileiro** (1984), tendem a reverter esse painel por intermédio de uma narrativa mais próxima da cultura e da voz popular, oferecendo ao leitor, oriundo de outros estratos sociais, a oportunidade de se aproximar das camadas marginalizadas por meio da representação literária dessas vozes silenciadas no cânone literário. Em tal contexto, muitos aspectos conteudísticos e também de cunho estilístico projetam o alcance dessas propostas de escrita literária: por exemplo, a estrutura fortemente paratática e elíptica que caracteriza o romance **Cidade de Deus** (1997), de Paulo Lins, traduz o empilhamento de pessoas-objeto na favela, como se parataxes, sínopes e elipses correspondessem à voz engasgada dos que se encontram à margem, e representassem metaforicamente vidas fragmentadas e silenciadas, uma peculiar e sofrida condição de existência. Por esse prisma, observa-se que a assim chamada “literatura marginal” é de fundamental importância para a interpretação das condições de vida em nosso país, uma vez que propõe novas interpretações, pelo viés da ficção, para os fatos cotidianos de uma parcela da humanidade que traz em si a imagem especular do conjunto das experiências humanas. No que tange à virada estética e discursiva que se plasma na virada cronológica do Século XXI, esta é a análise que propõe Terry Eagleton, o renomado e provocativo teórico da literatura:

Enquanto os críticos literários vinham cultivando a sensibilidade de uma minoria, grandes segmentos dos meios de comunicação de massa empenhavam-se em disseminá-la entre a maioria [...] Silenciados por gerações inteiras, aprendendo a considerar a literatura uma atividade de elite, fora de seu alcance, os operários da Grã-Bretanha vêm se organizando ativamente nos últimos dez anos para encontrar seus estilos e suas vozes próprias. O movimento dos escritores proletários é quase desconhecido dos meios acadêmicos, mas é um dos indícios de um rompimento significativo com as relações predominantes de produção literária.(EAGLETON, 1997, p. 296-297)

Em perspectiva convergente, o escritor e roteirista Ferréz arranca a voz da favela para fora dos muros do gueto literário, com seu romance **Capão Pecado** (2000), em cujas páginas sublinha-se a violência cotidiana na vida dos favelados paulistanos, os excluídos no preciso coração convulso da economia nacional. Ferréz assim discorre sobre a literatura marginal, produto da “periferia/favela/gueto”:

Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto. [...] Jogando contra a massificação que domina e

aliena cada vez mais os assim chamados por eles de "excluídos sociais" e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ, 2005, s.p.)

A "literatura marginal", como se observa, assume o compromisso de se tornar um dos fatores humanizadores da sociedade e, paradoxalmente, do próprio ser humano. Seus personagens representam vivências ignoradas pela maioria do público leitor e participam da difusão de uma literatura extra-canône que denuncia as mazelas do cotidiano de pessoas que se encontram às margens da sociedade, por vezes às margens da própria vida. Carolina Maria de Jesus – mulher, favelada e negra – foi a primeira escritora a escapar do gueto literário e irromper no espaço editorial controlado pela burguesia dominante, com seu relato memorialista **Quarto de despejo: diário de uma favelada** (1960). Em sua obra, Carolina imprime em letras capitais seu grito de denúncia contra a fome, a pobreza, a violência moral e física, a coerção social, o descaso, o preconceito, a marginalização, o silenciamento que oprimem os excluídos. De forma convergente, ampliando-se para o contexto latino-americano, o ensaísta e ficcionista uruguaio Eduardo Galeano, autor do célebre **Veias Abertas da América Latina** (1971), publica **El libro de los abrazos** (1989), uma coletânea de textos em prosa poética que inclui o poema "Los Nadies", dedicado aos mesmos excluídos retratados por Carolina. Esses autores representam literariamente o universo dos excluídos, numa tentativa de construir uma identidade nacional em que se inclua essa comunidade de esquecidos – os "ninguneados" de que trata o Octavio Paz, como veremos nas próximas páginas, numa perspectiva comparatista.

### Os "ninguneados" de Octavio Paz

Octavio Paz: poeta, ensaísta, tradutor, diplomata e Prêmio Nobel mexicano. Nascido em 31 de março de 1914, na Cidade do México, falecido em 19 de abril de 1998. O registro destas datas é como o anúncio de um século de reviravoltas na história mundial. Nascer sob o signo da Primeira Grande Guerra e às vésperas de convulsões como a Revolução Russa ou a Revolução Mexicana, a infância de Paz é marcada por indicadores de um tempo de profundas mudanças. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1990, por um conjunto de obras em que se destaca a reflexão social e política: **El laberinto de la soledad** (1950), **Posdata** (1969), **El ogro filantrópico** (1978), **Tiempo nublado** (1983) e **Pequeña crónica de grandes días** (1990). Essa obra poética é variada e exerce larga influência na poesia contemporânea.

Na esteira de uma fenomenologia inspirada em Heidegger, o poema intitulado "Respuesta y reconciliación" (1996) termina com estes versos, nos quais o ser humano, em sua condição existencial, é comparado a uma árvore cujos frutos são as palavras, entidade incorpórea por cujo intermédio se materializam sentimentos e ideias: *Árbol de sangre, el hombre siente, piensa, florece/ y da frutos insólitos: palabras./ Se enlazan lo sentido y lo pensado,/ tocamos las ideas: son cuerpos y son números.* No universo das palavras é que se realiza a existência humana, ensina o poema. Tal condição encontra-se igualmente na inspiradora intuição de Michel Foucault: o filósofo observa que Dom Quixote "lê o mundo para confirmar os livros" – a leitura das palavras precede a leitura do mundo, as palavras conformam nossa visão do mundo.

No contexto em que novas palavras representam novas maneiras de compreender o universo, "Ningunear" é um vocábulo cunhado por Paz, termo cuja fortuna amplia-se dia a dia nos países de língua hispânica. Na esteira dessa fortuna, o **Dicionário da Real Academia Espanhola** traz estes significados para o vocábulo: "1. tr. *No hacer caso de alguien, no tomarlo en consideración.* 2. tr. *Menospreciar a alguien.*" Nos dias de hoje, em língua espanhola, o termo é amplamente utilizado, inclusive no âmbito da linguagem jurídica, pois representa uma das formas de assédio moral no ambiente de trabalho. A fortuna da invenção de Paz pode ser constatada pelo espantosa soma de 1,5 milhões de ocorrências do termo, indicada pelo mecanismo de buscas do Google, assim como 170 mil ocorrências para "ninguneado", 210 mil para "ninguneo", registradas em outubro de 2013.

A ação de ningunear transcende o ato de ignorar a presença de outra pessoa, mesmo que involuntariamente. O ato de ningunear implica um significativo e voluntário menosprezo, decorre do desejo implícito ou manifesto de fazer com que o outro apague sua existência, e introjete o próprio apagamento – apague-se para si mesmo. Ningunear, verbo transitivo: para além de qualquer ocorrência de aparência acidental, a ação que decorre do desprezo por outrem implica em percepção prévia desse Outro. Tal atitude equivale à manifestação explícita da indiferença – agir como se o outro não existisse. Nesse quesito, as ideias de Octavio Paz demonstram em que medida todas as sociedades se assemelham à mexicana:

No sólo [los mexicanos] nos disimulamos a nosotros mismos y nos hacemos transparentes y fantasmales; también disimulamos la existencia de nuestros semejantes. No quiero decir que los ignoremos o los hagamos menos, actos deliberados y soberbios, los disimulamos de manera más definitiva y radical: los ninguneamos. El ninguneo es una operación que consiste en hacer de Alguien, Ninguno. La nada de pronto se individualiza, se hace cuerpo y ojos, se hace Ninguno. (PAZ, 1997, p. 48-49)

A coletânea de ensaios intitulada *El laberinto de la soledad* (1950) discorre sobre aspectos constituintes da identidade mexicana, corrediça e em permanente transformação: o próprio título já indica a complexidade inextricável das trilhas que se entrecruzam e formam o tecido imaginário da alma desse povo assentado no espaço corrediço do entrelugar: entre Norte e Sul, Atlântico e Pacífico, povos originários e conquistadores espanhóis, dominadores e dominados, modernidade e tradição, catolicismo e paganismo. Em tal perspectiva, o ensaísta observa que a solidão, nesse contexto, termina por se tornar um sentimento difuso na cultura mexicana. Assim, a metáfora do labirinto corresponde à multiplicidade de peculiaridades e idiosincrasias que caracterizam os traços distintivos da formação sociocultural mexicana. Por extensão, pode-se ampliar o alcance das ideias de Octavio Paz ao conjunto da América Latina, cuja identidade encontra-se em permanente mobilidade corrediça, sobretudo em função da megadiversidade cultural que caracteriza o subcontinente. Neste sentido, vale notar que os múltiplos intérpretes das fecundas ideias de Octavio Paz servem-se desses conceitos para analisar os aspectos constitutivos da identidade de inúmeros outros povos e nações. Por esse viés, Karla Cunha deduz que o ser humano, tal como o mexicano analisado por Paz, situa-se precisamente no labirinto do entrelugar, no espaço vazio da solidão, volta-se sobre si mesmo perdido no fluxo contínuo de sua constante contradição, uma vez que se autoafirma e se autorrecusa de forma simultânea:

As trilhas do labirinto são inúmeras e a história se move a partir dessas incertezas. O moderno nos aponta para o futuro, procura desviar nosso olhar das imagens pretéritas, desfazer nossas lembranças, ora substituindo-as por utopias, ora pela busca constante do novo. Elas evidenciam que algo foi perdido, talvez a harmonia entre o homem e a natureza ou a identidade entre a palavra e a coisa. Há um mal-estar permanente que atravessa a construção da cultura. Tudo isso se relaciona com a condição humana, marcada pela imperfeição e pela mortalidade. A nossa capacidade de inventar e criar não nos livra nem da solidão, nem do labirinto. (CUNHA, 2004, p. 7)

No que tange às múltiplas possibilidades de manifestação do menosprezo característico do “ninguneio”, essa forma violenta de relacionar-se com o Outro assume diversas formas: silêncios, palavras, gestos físicos ou simbólicos. O indivíduo ou grupo de pessoas que sofre “ninguneio” sente-se diminuído frente aos demais indivíduos ou grupos: a violência psicológica é discreta e lancinante, desencadeia e instala um doloroso processo interno de autonegação e apagamento. Do ponto de vista social, o “ninguneio” é uma forma de profunda segregação em que parcela da população torna-se transparente aos olhos da nação, pelo fato de ser apagada de toda e qualquer forma de discurso, do jornalístico ao jurídico, do pedagógico ao historiográfico, do folclórico ao artístico, do fotográfico ao literário. Esses segmentos da

população têm sua existência insistentemente negada, e tal fato ocorre por intermédio do discurso: são os “ninguneados” da nação, são os “joão gostosos” de que fala Manuel Bandeira, moradores de “barracões sem número”, pessoas sem nome, sem endereço, sem identidade, sem existência individual ou cidadã, dissolvidas numa coletividade dissoluta – “zé ninguém”, “don nadie”, “ningun”. Ora bem, tal “ninguneo” manifesta-se de forma emblemática no conjunto da produção literária do país, sobretudo em razão das insustentáveis condições econômicas em que vivem esses segmentos (indígenas, negros, analfabetos, portadores de necessidades especiais, grupos abaixo da linha de pobreza absoluta etc.). Ora, em sua denúncia acerca de todas as formas de exclusão, Octavio Paz assegura que

...la caída de la Unión Soviética nos ha hecho ver ahora con mayor claridad los vicios y defectos de las democracias liberales capitalistas. La crítica al sistema que nos rige ha recobrado toda su vigencia y actualidad. El mercado es el motor que mantiene a la economía pero asimismo es la aplanadora que aplasta pueblos y naciones enteras. (PAZ, 1996, p. 12).

Ao desentranhar dos meandros invisíveis da cultura e ao nomear uma característica comportamental própria também no âmbito das modernas sociedades latino-americanas, Paz demonstra sua condição de pensador profundamente comprometido com seu tempo histórico. O Século XX deve a Octavio Paz a elaboração de um abrangente panorama analítico que contribui para a compreensão das formas de funcionamento do mecanismo de exclusão nas Américas ou, talvez com mais propriedade, no conjunto de todas as sociedades ou grupos humanos. Numa perspectiva eminentemente comparatista, passamos a analisar os pontos de confluência no processo de representação literária da exclusão social na obra de Galeano e Carolina, com base nos conceitos desenvolvidos por Octavio Paz.

### **O conceito de “ninguneo” em Eduardo Galeano e Carolina de Jesus**

Com esteio nos conceitos apresentados no presente estudo, passamos a analisar comparativamente as formas de representação literária da exclusão social, na figura dos “ninguneados” do escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano e da memorialista brasileira Carolina Maria de Jesus que, por intermédio de seu diário **Quarto de despejo: diário de uma favelada**, apresenta a seus leitores o universo social e cultural em que se vive a exclusão social, na vida cotidiana de uma moradora de favela. Na esteira de Octavio Paz, Galeano retoma poeticamente o conceito de “ninguneo” como tema de seu poema narrativo intitulado “*Los nadies*”, que põe em cena os sujeitos historicamente excluídos da sociedade e apagados de todas as formas de discurso, tal como se vê nesta transcrição do célebre poema em prosa:

Los nadies

Sueñan las pulgas con comprarse un perro y sueñan los nadies con salir de pobres, que algún mágico día llueva de pronto la buena suerte, que llueva a cántaros la buena suerte; pero la buena suerte no llueve ayer, ni hoy, ni mañana, ni nunca, ni en lloviznita cae del cielo la buena suerte, por mucho que los nadies la llamen y aunque les pique la mano izquierda, o se levanten con el pié derecho, o empiecen el año cambiando de escoba.

Los nadies: los hijos de los nadies, los dueños de nada.

Los nadies: los ningunos, los ninguneados, corriendo la liebre, muriendo la vida, jodidos, rejodidos:

Que no son, aunque sean.

Que no hablan idiomas, sino dialectos.

Que no profesan religiones, sino supersticiones.

Que no hacen arte, sino artesanía.

Que no practican cultura, sino folklore.

Que no son seres humanos, sino recursos humanos.

Que no tienen cara, sino brazos.

Que no tienen nombre, sino número.

Que no figuran en la historia universal, sino en la crónica roja de la prensa local.

Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata.

A imagem inaugural do poema sintetiza a condição existencial dos socialmente excluídos: *“Sueñan las pulgas con comprarse un perro y sueñan los nadies con salir de pobres”*. O texto, de forma irônica com relação aos discursos compartilhados pelas classes dominantes e introjetados pelos segmentos dominados, explora a pretensa analogia entre "pobre" e "pulga": o animal e o ser humano assemelham-se por manifestarem desejos simultaneamente comezinhos e inalcançáveis, por demonstrarem equivalente poder de sonho e pensamento – poder nulo, sonhos vãos, imaginação chã! A pulga e o pobre não têm voz nem vez, em sua condição de seres privados invisíveis e sem significância que “infestam” a existência dos demais, sobrevivendo com os restos do sangue simbólico sorratamente retirado do tecido alheio – no caso do pobre, o tecido social alheio, ao qual não pertence, do qual está excluído. No título **Quarto de despejo**, o termo “despejo” já aponta para as vidas invisíveis que se mantêm com restos alheios e sobras sem serventia que são o pão cotidiano dos excluídos, árdua e sorratamente obtido, tal como o sangue que alimenta as pulgas – *“muriendo la vida”*: essa é a condição dos que vivem de despejos, diz Galeano. Carolina Maria de Jesus vai além e ressalta até mesmo as possíveis vantagens dos animais com relação à vida dos favelados: *“Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer”* (JESUS, 2006, p. 30).

Revelando aos leitores o lado mais cruel da vida dos favelados-ninguneados, a autora evidencia a desconstrução, a reificação e a animalização desses excluídos que, por motivos de sobrevivência, precisam disputar alimento com os corvos: “Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos” (JESUS, 2006, p. 37). Seu alimento é disputado nos despejos dos aterros sanitários, no meio dos restos e sobras que já não servem a humano algum, servem apenas a “*Los nadies: los hijos de los nadies, los dueños de nada*”, como se vê no eco lançado por Galeano ao grito de denúncia de Carolina. “Donos de nada”, nem mesmo de condições minimamente humanas de sobrevivência: imitar pulgas e corvos, esse é seu destino. A representação desse aspecto da exclusão social é patente em **Quarto de despejo**, no episódio em que uma mãe, para evitar a morte por inanição juntamente com seus três filhos, vê-se obrigada a buscar nos aterros sanitários – os lixões – restos e despejos de resíduos imprescindíveis à sua subsistência. Esses são “*Los nadies: los ningunos, los ninguneados, corriendo la liebre, muriendo la vida, jodidos, rejodidos*”, aqueles que passam fome (“*correr la liebre*”), pessoas à margem da sociedade, à margem da vida e de si próprios, que perdem suas vidas no consumo das sobras de vida que lhes cabem nesse latifúndio de dejetos:

Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E ele escolhia uns pedaços: Disse-me: - Leva, Carolina. Dá pra comer. Deu-me uns pedaços. Para não magoá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne [...] Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia [...] No outro dia encontraram o pretinho morto. (JESUS, 2006, p. 35-36)

Os relatos autobiográficos de Carolina representam literariamente a vida cotidiana dos excluídos, e contribuem para o conhecimento e a compreensão da condição de “ninguneados” nas relações sociais, segmento social ausente dos discursos canônicos que constroem a identidade da nação. A “*vida que se morre*” em meio aos dejetos urbanos no grande “quarto de despejo” que são os aterros sanitários e favelas resulta na reificação de seres humanos que se confundem com corvos, ingerem podridão e respiram o odor fétido da humilhação, do descaso, da exclusão social e do esquecimento. “Ninguneo” é degradação do indivíduo e do grupo de excluídos, instalados em um espaço (físico e simbólico) em que se despejam instrumentos de trabalho: Galeano sublinha “*que no son seres humanos, sino recursos humanos*”. Tais “recursos humanos”, ao perderem sua serventia, tornam-se o próprio “despejo” que se incinera ou se descarta indistintamente, como diz Carolina:

... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a

impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. [...] Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (JESUS, 2006, p. 33).

Carolina Maria de Jesus, Eduardo Galeano e Octavio Paz constroem uma inédita imagem literária de seus respectivos países, denunciam as mazelas de um povo sofrido, silenciado e esquecido, formado por pessoas “*Que no son, aunque sean*”, seres reificados “*que no tienen nombre, sino número*”, equivalentes a “objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo”.(JESUS, 2006, p. 34). A impossibilidade de existência cidadã permanece mesmo após a morte anônima, como descreve Carolina: “No outro dia encontraram o pretinho morto [...] Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome” (JESUS, 2006, p. 36). Uma vida em silêncio dá lugar a uma existência esquecida, o nada dá lugar a menos que nada.

A estrutura fragmentada do diário de Carolina, marcada por frases curtas e paratáticas, por sínopes e elipses, contribui para reforçar a expressão poética de uma existência fragmentária, interrompida, feita de fatos que se empilham e se descartam como objetos de despejo. Carolina de Jesus e seus filhos, oprimidos na senzala da fome, no gueto das favelas, irrompem na vida do leitor e acusam as formas de “ninguneio” que se praticam na sociedade brasileira: nessa obra, a expressão estética coincide com o conteúdo informativo do diário, uma obra “que expressa, em sua aparente frieza e objetividade, a subjetividade das vidas que por elas se mede”, conforme sublinha Marisa Lajolo (2011, p. 443). Para tanto, Carolina serve-se de uma linguagem peculiar, paradoxal e antitética, em cujo âmbito articulam-se desvios ortográficos e gramaticais, expressões rebuscadas e anacrônicas, regionalismos e vocabulário culto. Essa dualidade espelha o posicionamento e o lugar discursivo a partir do qual fala a escritora, sua ambivalente visão de mundo, sua condição de autora à frente de seu tempo e de seu entorno, escravizada pela dura realidade da pobreza e da privação de educação formal. A linguagem de Carolina corresponde à denúncia lançada por Eduardo Galeano, cujo texto relembra que os “ninguneados” são pessoas “*que no hablan idiomas, sino dialectos*”. Carolina serve-se de uma linguagem direta e multifacetada que se transforma em contundente grito de protesto, em denúncia contra as injustiças decorrentes da exclusão social, a começar pela impossibilidade de acesso à educação formal e ao letramento: “Não gosto de aludir os males físicos porque ninguém tem culpa de adquirir molestias contagiosas. Mas quando a gente percebe que não pode tolerar a impricancia do analfabeto, apela para as enfermidades” (JESUS, 2006, p. 24). Illetramento é a pior das enfermidades crônicas que inviabilizam uma existência minimamente humana, como se vê em Carolina e Galeano.

Carolina, consciente de sua condição de favelada e ninguneada, subverte a história oficial ao despejar, das profundezas de seu quarto, as parcelas de realidade cotidiana que a historiografia grandiloquente teima em varrer para baixo do tapete. De forma similar, o escritor uruguaio sublinha que esses ninguneados “*no figuran en la historia universal, sino en la crónica roja de la prensa local*”, assim como Carolina também observa em uma das passagens de seu diário:

Esqueci de citar que quando eu estava esquentando fogo as mulheres começaram a falar que haviam visto o retrato do Zuza no jornal. E estavam alegres. Percebi que o senhor Zuza com a festa que fez para o povo em vez de atrair amigos atraiu inimigos. Eis o que estava escrito no jornal do dia 26 de junho de 1958: ‘Zuza, pai de santo, em cana’. ‘Zuza’ está em cana desde ontem, pois ele, que se chama na realidade José Onofre, e tem uma aparencia realmente imponente, mantinha para lucros extraordinários uma tenda de Umbanda no Bom Retiro, a Tenda do Pae Miguel Xangô. (JESUS, 2006, p. 66).

No que tange à religiosidade, Galeano relembra que, para as classes dominantes, esses ninguneados “*no profesan religiones, sino supersticiones*”, sua fé tem o valor de mera credence desprovida de valor transcendente. Ora, para Carolina, sua fé traz resultados concretos, tem a força de qualquer outra forma de religião: “Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender” (JESUS, 2006, p. 9). Como se vê, Carolina recusa a opinião do senso comum com relação a suas práticas religiosas.

Se, no discurso hegemônico, como relembra Galeano, os ninguneados “*no hacen arte, sino artesanía, [...] no practican cultura, sino folklore*”, é preciso sublinhar o fato de que, mesmo com toda a repercussão internacional, a obra de Carolina Maria de Jesus permanece fora do cânone literário, pois é considerada uma forma de “artesanato literário”, um pouco como se fosse um desses panos de prato pintados à mão e vendidos em feiras de economia solidária. Os trabalhos artísticos executados pelos “ninguneados” da nação, pelos filhos de “*nadie*” que “*no tienen cara, sino brazos*”, são assimilados pelas classes dominantes a atos mecânicos de “braços” que seguem a força bruta e o instinto animal, escapam ao raciocínio e à abstração intelectual, são objetos utilitários privados de expressividade estética.

Eduardo Galeano assim denuncia o valor algum que se atribui aos ninguneados da nação: “*los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata*”. Por seu lado, Carolina relembra que a condição dos excluídos é de “projetos de gente humana” (JESUS, 2006, p. 20), seres inconclusos, imateriais, descartáveis. Assim, por meio de sua obra, Carolina, Galeano e Paz contribuem para a construção de identidades nacionais em que o cotidiano dos excluídos sirva

como fator de reflexão para a compreensão do sentido geral dos fatos e eventos por cujo intermédio constrói-se a América latina.

## CONCLUSÃO

No âmbito do diálogo entre culturas, a literatura comparada apresenta-se como mediadora, haja vista o caráter relacional que se estabelece entre produções literárias de autores distintos, de povos distintos. Pelo viés comparatista, os *ninguneados* de Octavio Paz, os *nadies* de Galeano e **Quarto de despejo** trazem à luz e permitem compreender algumas das mazelas de uma sociedade de identidade corrediça: a América Latina. A leitura comparativa da imagem da exclusão social nas páginas literárias induz a uma reflexão acerca das formas de representação das hierarquias sociais, um fenômeno mediador de sentido no conjunto da sociedade. A Literatura Comparada torna-se o local do encontro e da diferença, induz “um pensar de outro modo”, como assinala o comparatista Daniel-Henri Pageaux (2011). Por tal vertente crítica, o leitor aprofunda a compreensão da história e da cultura de nosso continente.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 1. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1991.

CUNHA, Karla Pereira. Busca por uma identidade latino-americana através da Literatura: estudo das obras *Cien Años de Soledad* de Gabriel García Márquez e *El Laberinto de la Soledad*, de Octavio Paz. In: **I Encontro Memorial do ICHS. Anais...**, Mariana, UFOP, 2004. p. 1-9. Disponível em: <[http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h9\\_3.pdf](http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h9_3.pdf)> Acesso em: 9 out. 2013.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERRÉZ. **Literatura Marginal. Talentos da Escrita Periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR71411-5856,00.html>>. Acesso em 7 out. 2013.

HALL, Stuart. **Identidad cultural y diáspora**. Disponível em: <<http://www.ramwan.net/restrepo/hall/identidad%20cultural%20y%20diaspora.pdf>>. Acesso em 29 set. 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2006.

LAJOLO, Marisa. *A figura do negro em Monteiro Lobato*. **Presença Pedagógica**. V. 04, N. 23. Belo Horizonte, 1998, p. 21-31. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>> Acesso em 7 out. 2013.

LAJOLO, Marisa. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MOREIRA, Maria Eunice. **Cânone e cânones: um plural singular**. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

NAXARA, Márcia Regina. **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada**. In: MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida; UMBACH, Rosani Ketzer (org.). São Paulo, Santa Maria, Frederico Westphalen: Hucitec-UFSM-URI, 2011.

PAZ, Octavio. La selva Lacandona. **Vuelta**. V. 20, N. 231. México, fevereiro 1996.

PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad**. Madrid: Cátedra, 1997.

PORTO, Luana Teixeira. Marginalidade e exclusão social: uma leitura do conto "Lixo e purpurina", **Revista Literatura em Debate**. V. 06, N. 10, Frederico Westphalen, agosto 2012, p. 140-141.

REAL ACADEMIA ESPANHOLA. **Dicionário**. Versão online.

RODRÍGUEZ LEDESMA, Xavier. El siglo de un poeta: la reflexión política de Octavio Paz (los años finales). **Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**. V. 11, N. 22. Colima, dezembro 2005, p. 275-290. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31602205>>. Acesso em 7 out. 2012.